

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Likumbi, consolidar e aprender regras: Uma análise a partir de um grupo Makonde na cidade de Maputo

Candidato: Tubias Capaina

Supervisor: Emídio Gune

Maputo, Outubro de 2017

Likumbi, consolidar e aprender regras: Uma análise a partir de um grupo Makonde na cidade de Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos na modalidade de projecto de pesquisa submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

Candidado

Tubias Capaina

Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Setembro de 2017

Declaração de honra

Declaro que este relatório de pesquisa é original e nunca foi apresentado na sua íntegra para a obtenção de qualquer grau académico, e que constitui o resultado da minha investigação, e estão indicados no trabalho e nas referências as fontes de informação utilizadas para a elaboração.

Tubias Capaina

Maputo, Setembro de 2017

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha irmã Bruna de Almeida, minha mãe Sónia Capaina, minhas avós Maria Augusta Jaime e Angélica Alfaiate. As minhas primas Edvânia Francisco Aly, Albertina Aurélio e Augusta Aurélio.

Agradecimentos

Agradeço ao corpo docente do departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane pelos ensinamentos dados durante os quatro anos de formação. De modo singular aos docentes Emídio Gune e Hilário Madiquida por motivarem-me a continuar com a pesquisa mesmo enfrentando dificuldades na colecta de dados na zona militar. Obrigado pelas sugestões e orientações durante a realização do presente trabalho.

Agradeço a família Capaina, de modo singular ao meu tio Nelson Capaina, Capaina Jaime Capaina e Conceita Sortane pelo incentivo e apoio.

Aos participantes do estudo agradeço por ajudarem-me a realizar o presente estudo.

Aos meus amigos José Manuel Alvares Serrão Maurício, Hamorabi Binda, Carimo Freitas De Oliveira, Jaime do Castelo Pedro, Albano Mulima e a minha amiga Maria Olívia de Jesus dos Santos Alves pelos conselhos e companhia nos momentos bons e maus.

Aos meus colegas do curso de Antropologia 2013, especialmente ao Toscano Cole, Abílio Félix e Américo Zandamela por partilharem comigo as vossas ideias durante os quatro anos.

O meu obrigado a todos, com vocês aprendi que ao longo da vida conhecemos os bons amigos.

Glossário

Ligoma é um instrumento musical feito com madeira e pele e é tocado só com as mãos, tem como função iniciar com a dança.

Likumbi é o nome makonde usado para referir o ritual de passagem masculino.

Likuti é um instrumento musical feito com madeira e pele e é tocado só com os paus, tem a função iniciar com o ritmo da dança.

Mbwanas em geral o termo é utilizado para designar os padrinhos.

Nneya é um instrumento musical feito de madeira e pele e é tocado só com as mãos, é tido como base dos *Vinganga*.

Nthojo é um instrumento musical feito com madeira e pele tocado só com as mãos, serve de base para afinar o ritmo em linha com outros instrumentos.

Swahili é uma das línguas que os participantes aprendem nos rituais de passagem.

Vinganga é um instrumento musical feito de madeira e pele e é tocado só com paus, tem a função de auxiliar o som juntos restantes instrumentos.

Resumo

O presente estudo explora discursos sobre o *Likumbi* como um espaço de consolidação e aprendizagem de regras. Da literatura sobre os ritos de iniciação identifiquei duas perspectivas. Uma que defende que as famílias constituem espaços de aprendizagem que antecedem os ritos de passagem e a outra que defende que os ritos é que constituem espaços de aprendizagem para os indivíduos. Essa literatura perde de vista a contribuição da interação entre famílias e os ritos na aprendizagem das pessoas.

Com base na limitação da literatura analisada, realizei um estudo etnográfico entre um grupo de pais, candidatos a iniciação e iniciados na Capela, na zona Militar na cidade de Maputo. A partir do material etnográfico analisado compreendi que os participantes consolidam as regras apreendidas na família, com amigos e aprendem novas regras durante o *Likumbi*.

Esse resultado permite-me considerar o *Likumbi* como um espaço de consolidação e de aprendizagem de regras sociais, o que permite perceber a interação entre a aprendizagem anterior aos ritos de passagem e aquela aprendida durante os mesmos, diferentemente da literatura que analisa esses elementos como pólos comunicáveis de aprendizagem.

Palavras-chave: *Likumbi*, aprendizagem, consolidação e regras

Índice

Declaração de honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Glossário	iv
Resumo	v
1. Introdução	1
2. Revisão de literatura	3
3. Quadro teórico e conceptual	7
3.1. Quadro teórico	7
3.2. Conceptualização	7
4. Procedimentos metodológicos	9
4.1. Técnicas de recolha de dados.....	9
4.2. Critério de selecção dos participantes do estudo	10
4.3. Técnicas de registo, tratamento e análise de dados.....	11
4.4. Perfil dos participantes do estudo	12
4.5. Constrangimentos no processo da recolha de dados.....	13
5. O Likumbi como um espaço de consolidação e aprendizagem de regras.....	14
5.1. Localização e breve descrição da zona da Capela	14
5.2. A vida antes do <i>Likumbi</i> : a aprendizagem de regras no quotidiano	15
5.3. Consolidação e outras aprendizagens no <i>Likumbi</i>	20
5.3.1 O <i>Likumbi</i> como um espaço de consolidação de regras	20
5.3.2. Novas aprendizagens	25
5.3.3. A vida dos participantes depois do <i>Likumbi</i>	29
6. Considerações finais	33
Referências.....	34

1. Introdução

O presente estudo explora discursos sobre os ritos de passagem como uma forma de aprendizagem e a consolidação de regras na cidade de Maputo. Iniciei o estudo em Agosto de 2015 com o objectivo de perceber os ritos de iniciação como um espaço de orientação no âmbito do controlo social. Entre tanto, durante as minhas conversas com os participantes da pesquisa, ouvi o Majaja, um mestre das cerimónias na Capela da zona Militar, na cidade de Maputo. em conversa com um seu amigo e com moradores do bairro militar, a dizer “este ano haverá muitos meninos no *Likumbi* por que há muitos meninos indisciplinadas”.

A partir da referida conversa fiquei interessado em perceber o *Likumbi*. E de 15 de Dezembro de 2015 a 15 de Janeiro de 2016 assisti a um *Likumbi*, na zona da capela. Durante o *Likumbi* percebi que se por um lado havia coisas novas que os iniciados aprendem, por outro lado outras coisas eles já tinham aprendidos antes do ritual. Essa situação levou-me a alterar o objectivo inicial do Projecto e passei a estar interessado em analisar os ritos de passagem como uma forma de aprendizagem e de consolidação de regras ja aprendidas anteriormente.

Analisada a literatura sobre o assunto percebi que os ritos de passagem têm sido analisados a partir de duas perspectivas. A primeira defende que as famílias constituem espaços de aprendizagem que antecedem os ritos de passagem e a outra que defende que os ritos é que constituem espaços de aprendizagem para os indivíduos. No entanto podemos considerar como dois espaços que se cruzam.

Para compreender os processos de aprendizagem e consolidações de regras na zona da Capela, realizei um estudo etnográfico a partir dos ritos de passagem entre um grupo de pais, candidatos a iniciação e iniciados na zona da capela, e na mesma linha de pensamento de Díaz (2011) percebi que através dos ritos de passagem os iniciados consolidam as regras aprendidas no grupo doméstico e com amigos, para além de aprenderem novos ensinamentos para a vida.

Quanto a estrutura, o presente estudo está organizado em seis partes. A primeira parte é composta pela presente introdução na qual apresento a problemática de investigação e a presente

estrutura do trabalho. Na segunda parte apresento a revisão de literatura sobre os ritos de iniciação que fundamenta a análise do presente trabalho.

Na terceira parte apresento o enquadramento teórico e conceptual. Nesta parte apresento a teoria e os conceitos usados no trabalho. Na quarta parte apresento os procedimentos metodológicos, desde a recolha até aos constrangimentos enfrentados no processo da elaboração do trabalho.

Na quinta parte analiso a consolidação da aprendizagem e a nova aprendizagem que ocorrem durante o *Likumbi* em três partes. Na primeira analiso a vida antes do *Likumbi*, na segunda analiso o processo de consolidação do aprendizado antes do *Likumbi* e o aprendizado durante o *Likumbi* e na terceira parte analiso a vida dos iniciados depois do *likumbi*. Por fim, na sexta parte do presente trabalho apresento as considerações finais.

2. Revisão de literatura

Da literatura analisada identifiquei duas perspectivas. A primeira defende que as famílias constituem espaços de aprendizagem que antecedem os ritos de passagem e a segunda que defende que os ritos é que constituem espaços de aprendizagem para os indivíduos.

Para a primeira perspectiva o afecto familiar ligado a socialização das pessoas no interior do seu grupo dá-nos resultados semelhantes ao do determinismo biológico, do qual os ritos de passagem aparecem como uma forma de aprendizagem e consolidações de regras prescritas em casa, isto é, a reacção dos iniciados faz perceber que, apesar das diferenças entre as diversas concepções sociais, sempre emerge uma abordagem comum que é o modo de vida social (Cristina 2014; Guilouski 2012; Madeira 2006 e Rangel 1999).

Um dos autores que subscreve os ritos de iniciação como um dos espaços de aprendizagem é Cristina (2014), para quem os indivíduos antes de passarem pelos ritos de passagem pertencem a uma fase designada adolescência, que ocorre dos 12 aos 17 ou dos 13 aos 18 anos de idades. Segundo a autora a fase da adolescência é caracterizada por um momento de conflito e incerteza que gera indecisão, ansiedade e rebeldia, o que lhes leva a aprender os padrões e modos de vida sociais nas suas famílias.

A ideia de Cristina (2014) permite explicar os contextos por onde os comportamentos das pessoas são reflectidos com base na idade biológica, mas fica por compreender os padrões organizacionais e as práticas rituais que fazem pertencer a uma identidade, visto que a idade cronológica pode ser lida socialmente de formas diferentes.

Como mostra Madeira (2006) o papel social do ritual de iniciação feminino, para a formação cultural do grupo Kamayura na fixação dos seus valores culturais e na construção social da mulher Kamayura. Assim, Madeira (2006) articula os ritos de iniciação com a construção da identidade dos indivíduos que nele participam.

A reflexão de Madeira (2006) permite compreender os rituais de iniciação como formas de construção de identidades sociais por via dos seus valores, mas fica por explicar o processo de aprendizagem dos indivíduos durante os ritos de iniciação.

Uma reflexão diferente de Cristina (2014) é apresentada por Rangel (1999) com uma abordagem segundo a qual cada momento e lugar há uma maneira específica de marcar a passagem para a idade adulta. A família na reflexão de Rangel (1999) tem um papel fundamental no processo de aprendizagem para consolidação de regras. Esta abordagem permite perceber que, os ritos de iniciação são formas de reintegração da fase de adolescência para a fase adulta, na qual reflecte o processo de aprendizagem e das pessoas.

De acordo com Guilouski (2012) as famílias têm papéis fundamentais no processo de aprendizagem, assim os rituais são cerimónias constituídas em todas as culturas com finalidade a ensinar e fortificar aos iniciados o modo de vida social a partir da aprendizagem aprendidas nas famílias.

A óptica de Guilouski (2012) faz perceber que existem vários tipos de rituais e cada uma delas com sua especificidade e todos os rituais têm por objectivo a construção do homem que se identifica com o seu grupo e meio em que este inserido, mas não explica quais são as formas adoptadas para adaptar o mundo humano por via dos rituais. Fica por compreender a vida dos indivíduos depois da sua iniciação.

Das explicações desta primeira abordagem percebi que existem aprendizagens na família onde as pessoas aprendem a respeitar, obedecer e a realizar afazeres domésticos que devem desempenham na família. Entretanto, fica por compreender outras regras aprendidas nos ritos de passagem.

Diferente da primeira linha de abordagem a segunda sustenta que os iniciados aprendem a ser adultos a partir dos ensinamentos que tiveram no ritual, dos quais faz-nos compreender o comportamento destes iniciados (Balandier 1999; Cuche 1999; Filloux 2010; Turner 1974; UNICEF 1988).

Um dos autores que mais se destaca nesta linha de abordagem que coloca os ritos de passagem como formas de aprendizagem e consolidações de regras é Cuche (1999), para quem as pessoas são ensinadas a interiorizar os modelos culturais, no período da sua iniciação, de tal modo que se identifiquem com o seu grupo de origem. A partir da análise apresentada por Cuche (1999) é possível perceber que os participantes interiorizam os ensinamentos que adquirem nos rituais de passagem, como uma forma de apropriar uma identidade social. Mas fica por explicar situações em que os participantes são iniciados devido ao desvio das normas sociais.

De acordo com Balandier (1999) os ritos de iniciação constituem uma passagem de um estágio para outro, na qual os meninos adquirem uma nova identidade onde passa da fase de adolescência para a fase adulta.

A análise de Balandier (1999) permite perceber que a aprendizagem das pessoas ocorre num processo de transição de uma fase para outra, caracterizado por ensinamentos durante os ritos de iniciação, como forma de estruturar os sistemas sociais e os grupos nos quais as pessoas estão envolvidas. Contudo, fica por explicar o processo de iniciação como formas de aprendizagens das pessoas na família.

De acordo com Filloux (2010) a aprendizagem e consolidação de regras advém das necessidades gerais dos grupos sociais e a consistência dessa correspondência, pois, cada sociedade fixa padrões de vida ideais que o homem deve ser, no ponto de vista intelectual, físico e moral.

Filloux (2010) sustenta que através da educação o ser individual transforma-se em ser social. A análise de Filloux (2010) permite explicar as realidades por onde a noção de unidade e a educação perpetuam e reforça as relações das pessoas, fixando no interior das pessoas, as alianças exigidas pela vida colectiva. Assim, fica por explicar os processos de transformação do indivíduo em ser social.

De acordo com UNICEF (1988) a partir de diálogo nos ritos de iniciação os indivíduos aprendem a respeitar as prioridades familiares, tais como o modo de vida que os iniciados devem seguir. Esta análise permite perceber que as pessoas são ensinadas a interiorizar o modo de vida da

sociedade em que está envolvida, mas fica por compreender formas de consolidação da identidade dos iniciados nas suas famílias.

Turner [1974] defende que as pessoas nos rituais de passagem, ainda no processo de aprendizagem encontram-se que nos ritos de passagem há um estado de separação ou ruptura que é a fase inicial em que compreende a reintegração do modo de vida social. A partir da análise de Turner [1974] percebi que nos rituais os iniciados aprendem novos ensinamentos, que determinam e estruturam o modo de vida das pessoas. No entanto, fica por compreender a aprendizagem de regras sociais antes e depois do ritual.

A partir das reflexões dos autores da abordagem acima apresentada, se por um lado permitem compreender realidades, sobre as quais o domínio dos ensinamentos ou princípios estabelecidos nos ritos de passagem, são suficientes para os indivíduos pertencerem a uma sociedade makonde, por outro lado perde de vista outras experiências sociais que, as pessoas adquirem no decorrer da vida.

No geral, da literatura analisada é possível compreender que, os ritos de passagem são um dos espaços de aprendizagens de regras sociais por via da transmissão de conhecimentos, valores e modos de vida da sociedade aos seus membros, para identificarem-se com elas para o resto das suas vidas. Entretanto, ao assumir que os rituais de passagem determinam a mudança completa do comportamento dos participantes no quotidiano deles, perdem de vista outras realidades que, colocam os rituais de passagem como um espaço de consolidação e aprendizagem de regras.

3. Quadro teórico e conceptual

3.1. Quadro teórico

Na presente pesquisa usei a teoria de aprendizagem apresentada por Díaz (2011) para compreender o dia-a-dia das pessoas desde antes até depois dos ritos de passagem. A referida teoria defende que os indivíduos aprendem a partir das suas vivências e das relações uns com os outros (Da Silva 2007).

Nesta pesquisa a teoria de aprendizagem permitiu-me compreender os processos de aprendizagem e consolidação de regras no quotidiano dos iniciados.

3.2. Conceptualização

No presente trabalho uso os conceitos de aprendizagem, consolidação, regras e ritos de passagem a definidos a seguir.

Aprendizagem

Autores como Dortier (2006) e Giusta (2013) entendem aprendizagem como a modificação de certos comportamentos e estruturas mentais, condicionada pela memorização dos princípios transmitidos. Um dos problemas desse conceito é associar aprendizagem e mudança de comportamento e a fazer isso perde de vista que as pessoas que aprendem não mudam necessariamente de comportamento.

Uma definição diferente de Dortier (2006) e Giusta (2013) é apresentada por Díaz (2011) para quem a aprendizagem é a capacidade de apropriação de conhecimentos, valores e comportamentos para enfrentar determinada situação. Esta definição faz perceber que a experiência das pessoas nas suas acções quotidianas permite assimilar novos modos de convivência no meio social.

Neste trabalho uso o conceito de aprendizagem proposto por Diaz (2011) para designar a capacidade de apropriação de conhecimentos, valores e comportamentos para enfrentar determinada situação.

Regras

O conceito de regras que uso nesta pesquisa é definido por Afonso da Silva (2003) como princípios e normas que expressam a ordem, disciplina, deveres e direitos definidos por uma determinada sociedade.

Ritos de passagem

Os ritos de passagem são entendidos por Lévi-Strauss (1997) como princípios de conservação e preservação das regras matrimoniais, religiosas, de arte, ciência, relações económicas, baseadas nas relações das pessoas.

Com uma reflexão diferente de Lévi-Strauss (1997), Turner [1974] define os rituais de passagem como todos os eventos que acompanham qualquer mudança de lugar, estado, posição social ou idade. A explicação de Turner [1974] permite compreender que as pessoas transmitem os modos de vida de uma geração para outra. Entretanto, ao apresentar essa abordagem perde de vista os modos de vida dos iniciados após o ritual de passagem.

Da análise de Turner [1974] percebi que o autor entende que todas as acções de mudança do espaço e da posição das pessoas em interacção ou aos eventos que acompanham qualquer mudança de lugar, estado, posição social ou idade das pessoas e do meio em que se encontram são ritos de passagem.

Nesta pesquisa uso o conceito de ritos de passagem proposto por Turner [1974] para referir os eventos que acompanham mudança de lugar, estado, posição social ou idade feita de forma estruturada.

Consolidação

A consolidação é definida por Rodrigues (1998) como um processo de apropriação de regras por via de aprendizagem a partir de um grupo de pessoas e organizações que partilham os mesmos hábitos. Na presente pesquisa uso o conceito de consolidação proposto por Rodrigues (1998) para designar o conjunto de acções das pessoas para assegurar a continuidade do modo de vida.

4. Procedimentos metodológicos

Este estudo é etnográfico de carácter exploratório. Para a realização do estudo, explorei discursos e modo de vida dos pais, candidatos a iniciação e iniciados sobre ritos de iniciação.

Realizei o presente estudo em três fases complementares. Na primeira fase recolhi dados exploratórios, na segunda fase realizei a revisão de literatura e na última fase organizei e analisei os dados.

Na primeira fase recolhi dados exploratórios. Para o efeito fiz observação directa, conversas e entrevistas formais e informais no período de Agosto de 2015 a 15 do mês de Abril de 2017, com interrupção no mês de Dezembro. A referida interrupção foi devida a indisponibilidade dos participantes desde 15 de Dezembro de 2015 a 15 de Janeiro de 2016, período no qual estavam em reclusão no local onde decorria o *Likumbi*. Os considerados indisciplinados continuaram no local por mais 15 dias. Com base nos dados recolhidos identifiquei e delimitei o tema da presente pesquisa.

Posteriormente, na segunda fase fiz a revisão de literatura. Para o efeito consultei material nas bibliotecas do Departamento de Arqueologia, Antropologia, Central Brazão Mazula, Arquivo Histórico de Moçambique e em bibliotecas virtuais. O referido material analisava ritos de iniciação e de passagem. Por último, na terceira fase organizei e analisei os dados.

4.1. Técnicas de recolha de dados

A recolha de dados foi feita com base na observação directa, entrevista semi-estruturada. Para a realização da observação directa presenciei ensaios de cantos e dança Mapiko na zona de capela nas tardes e noites de Sextas, Sábados e Domingos.

Durante a observação vi pessoas a tocarem instrumentos musicais, como viola, *likuti*, *N'neya*, *N'tholho*, e ouvi que as pessoas que entram na palhota feita de zinco, na qual foi desenhada a bandeira de Moçambique são os candidatos, os iniciados e os mestres e falavam em línguas *Swuhail*, makonde e português.

Na Sexta-feira as 10 horas do mês de Dezembro de 2016 fui ao ensaio e vi duas pessoas a dançarem e a cantarem, também vi mais quatro pessoas a tocarem instrumentos musicais. A seguir a esse evento conversei com Marley sobre o papel do *Likumbi* e a dinâmica da ocupação do bairro militar. Num sábado de Dezembro de 2016 fui a casa do Benedito onde conversei com ele sobre os comportamentos do Samuel. No fim fui a casa de Borges para conversar sobre como acontece o *Likumbi*.

No Sábado seguinte as 14 horas fui a casa do José para conversar com ele sobre os critérios necessários para participar no *likumbi* e no dia seguinte fui a casa de Cadu para conversar sobre o que aprende em casa e o que espera aprender no *Likumbi*. Em Janeiro, num Sábado as 14 horas fui para a casa da Katia para saber como ficou a situação do Samuel depois de ter participado no *Likumbi*.

Nos dias comemorativos eu ia para a zona da capela para assistir o *mapiko* No local encontrei participantes com as quais conversei sobre o assunto da minha pesquisa.

A entrevista semi-estruturada permitiu-me captar as diversas formas de organização da zona militar e as lógicas que levam a prática dos rituais de passagem na zona da capela. As entrevistas decorreram nos dias como sexta-feira, sábado e domingo no período da tarde, achei melhor esses dias e a este período para encontrar as pessoas disponíveis para conversarem comigo, visto que, no meio de semana essas pessoas estão ocupadas no serviço.

Durante o processo conversei com diversas pessoas algumas para o de esclarecimento de dúvidas que apareciam durante a análise de dados, como o caso dos significados dos termos falados em língua makonde.

4.2. Critério de selecção dos participantes do estudo

A selecção das pessoas com quem conversei e entrevistei, seguiu a lógica da bola de neve, na qual cada participante me indicava o outro participante e assim sucessivamente. Para chegar ao primeiro participante um professor meu deu-me o contacto de um primo dele que não é iniciado.

Eu liguei para esse primo do meu professor e marcamos um encontro na zona militar, num Sábado as 14 horas.

No dia do encontro, com este primeiro participante, eu expliquei que estava interessado em estudar o *likumbi*, e ele por não ser iniciado indicou-me um outro amigo dele que vive com um irmão que iria entrar no *Likumbi* e que aceitou participar da pesquisa. A partir dele conheci outros participantes do estudo.

4.3. Técnicas de registo, tratamento e análise de dados

No processo de recolha de dados eu escrevia os fenómenos observados e os discursos das entrevistas num caderno de notas. Esta técnica permitiu-me guardar os fenómenos que vi e ouvi durante a recolha de dados.

Concluídos os registos das entrevistas e dos fenómenos observados, transcrevia para o segundo caderno e lia com o propósito de encontrar fenómenos comuns nos discursos e nas práticas dos participantes do estudo. Neste processo de análise de dados e a partir dos fenómenos comuns, encontrados durante a análise, criei tópicos divididos em três secções sobre aprendizagem e consolidação das regras que analiso.

4.4. Perfil dos participantes do estudo

A tabela abaixo apresenta o perfil dos participantes deste estudo.

Nome	Idade	Estado civil	Agregado	Residência
Benedito	40	Casado	Pai de Samuel e filho de Marley	Bairro militar
Borges	60	Casado	Avô de Samuel e pai de Katia	Bairro militar
Carlos	35	Casado	Tio de Samuel e irmão de Benedito	Bairro militar
Cadu	14	Solteiro	Filho de Carlos neto de Marley	Bairro militar
Claudino	40	Casado	Tio de Samuel e filho de Borges	Bairro militar
Delson	10	Solteiro	Filho de Edvania e de Miguel	Costa de sol
Edvania	35	Casada	Mãe de Delson e de Nando	Costa de sol
José	30	Casado	Pai de Tino e Lourinho	Benfica
Katia	38	Casada	Mãe de Samuel e esposa de Benedito	Bairro militar
Layton	14	Solteiro	Filho de Soninho	Polana-caniço
Lourinho	14	Solteiro	Filho de José irmão e de Tino	Benfica
Nando	8	Solteiro	Filho de Edvania e de Miguel	Costa de sol
Marley	62	Casado	Pai de Benedito e de Carlos	Bairro militar
Majaja	65	Casado	Pai de Miguel e sogro de Edvania	Costa de sol
Miguel	30	Casado	Pai de Delson e de Nando	Costa de sol
Samuel	14	Solteiro	Filho de Benedito e de Katia	Bairro militar
Soninho	40	Casado	Pai de Layton, Tanner e Taunde	Polana-caniço
Tanner	17	Solteiro	Filho de Soninho	Polana-caniço
Taunde	22	Solteiro	Filho de Soninho	Polana-caniço
Tino	12	Solteiro	Filho de José e irmão de Lourinho	Benfica

Participaram neste estudo 20 pessoas, de entre os quais 8 têm idades inferiores a 18 anos, e 12 têm idade superior a 18 anos e esses nomes são fictícios.

4.5. Constrangimentos no processo da recolha de dados

Na realização do presente estudo tive dois constrangimentos. O primeiro constrangimento foi a dificuldade de encontrar participantes dispostos a dar informações sobre o tema nos primeiros dias da pesquisa, porque as pessoas não me conheciam e eu também não sabia como iniciar a conversa. Para contornar a situação passei 14 dias a observar as actividades e a escutar as conversas das pessoas para saber como poderia enquadrar a minha preocupação. Com o decorrer do tempo tive aproximação dos participantes e criei amizades com eles, e só aí iniciei as conversas e entrevistas.

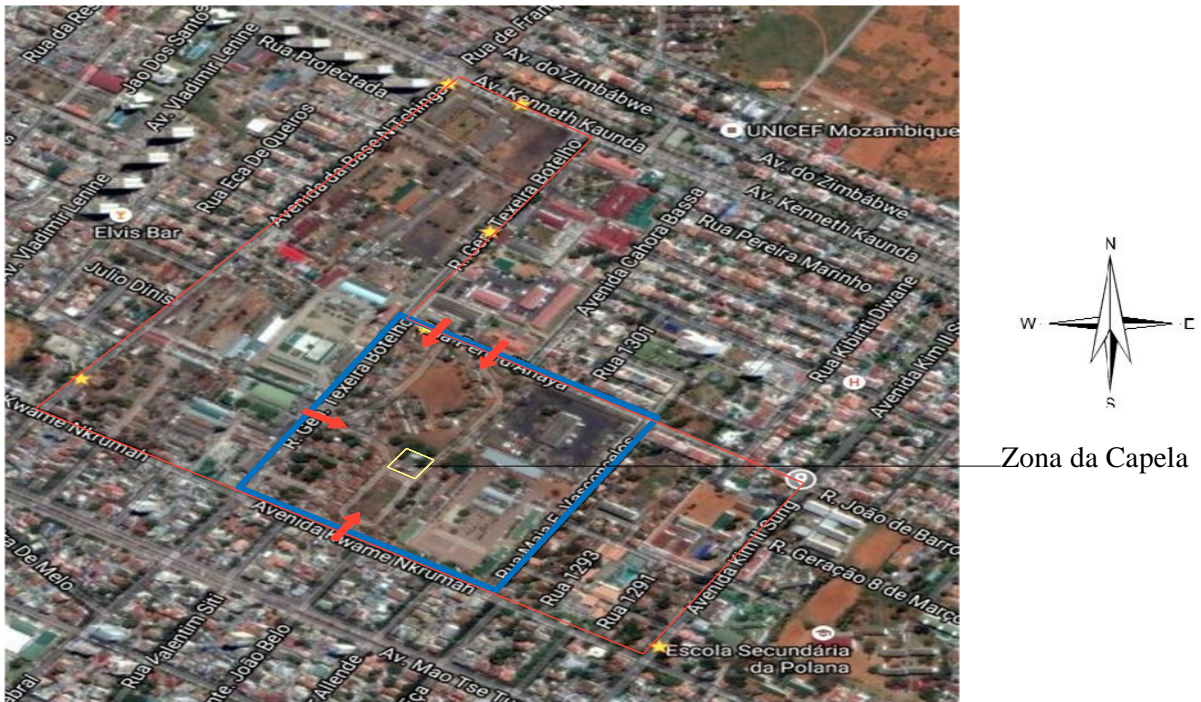
O segundo constrangimento foi a dificuldade com as línguas Maconde e Swahili faladas pelos participantes e que não entendo. Para contornar esse constrangimento contei com ajuda de um intérprete, e assim consegui colher as informações que necessitava.

5. O Likumbi como um espaço de consolidação e aprendizagem de regras

5.1. Localização e breve descrição da zona da Capela

Quanto está localizada no bairro militar, quartirão "38 B" entre as ruas Rui Nogar Poeta, a Norte e Samuel Dabula, a Sul, e Av. Kwame Nkrumah, a Este, e Av. Faustino Vanombe, a Oeste, em Maputo.

Fig.1: Fotografia aérea do bairro militar



Fonte: Tubias, adaptado do google earth, 24/11/ 2016

Em termos de infra-estrutura, a zona da capela apresenta casas feitas de tijolos cobertas por lusalites, rodeadas de árvores. A zona da capela foi criada na época colonial, para abrigar os oficiais portugueses. Com a independência nacional e o regresso dos soldados portugueses a Portugal, o bairro foi ocupado por militares das então Forças Populares de Libertação de Moçambique.

O bairro é habitado por Macenas, Makondes, Nhanjas, Nhúngués e Yãos. Quanto aos Makonde constituem grupo do meu interesse neste Projecto de pesquisa, vivem em agregados compostos

por avô, pai, mãe, tio e filho. Os membros do grupo Makonde, realizavam regularmente ritos de iniciação. Esses rituais marcam a transição de uma fase para a outra e são realizados próximo a um edifício, localizado na zona da capela, feito de chapas de zinco e uma igreja feita de tijolos, coberta por chapas de lusalite e de zinco. O mesmo foi construído na época colonial para servir de armazém do exército português.

Fig. 2: Local onde os iniciados desfilam no primeiro dia, na zona da Capela



Fonte: Tubias Capaina, zona militar, 01/03/2017

Os iniciados provêm dos bairros Militar, Benfica, Costa do Sol e Polana-Caniço. Depois de realizados os rituais de baixo das mangueiras, os mesmos são levados para uma palhota feita de zinco no período anterior a independência, onde são ensinadas as regras quotidianas de um iniciado.

5.2. A vida antes do *Likumbi*: a aprendizagem de regras no quotidiano

Nesta sessão apresento o processo de aprendizagem dos participantes no quotidiano antes do *Likumbi*. Os mestres-de-cerimónias da zona capela, e os meninos desenvolvem actividades que representam a sua identidade e a vida da família, como é caso dos cantos, das dança e poesias.

Durante os ensaios, os mestres conversam com os meninos sobre a necessidade de obediência pela pontualidade nos ensaios, como podemos observar no exemplo a seguir,

Meus camaradas, temos de chegar cedo para não sairmos tarde como na semana passada, e ontem me pareceu que o ensaio foi curto. Se continuarmos assim, vamos perder como aconteceu na França, viram aquele francês como declamou a poesia? O tipo declamava como se quisesse chorar, gostei da aquela técnica mexeu com toda a gente, na próxima declamação irei usa-la, também aprecio a técnica do baterista, da banda do Salif Keita, aquela forma de tocar é espetacular ele trocava os paus e voltava a tocar sem falhar as notas musicais, por isso, as combinações não alteravam (Majaja, 46 anos de idade, residente no Bairro Militar, mestre da cerimónia da zona capela, entrevista semi-estruturada, 20.08.2015).

Na explicação do Majaja percebi que antes do *Likumbi*, o Majaja aprendeu dos amigos que ele deve chegar cedo nos ensaios para não perturbar os outros e terminarem o ensaio na hora marcada, reflectindo assim a ideia do respeito e a obediência pelo grupo. Na mesma linha Cadu contou o seguinte,

Eu aprendi a cozinhar, a lavar roupa e a fazer deveres de casa, tio teve um dia em que eu cozinhei tão mal que até me senti louco, porque a comida estava aguada. Era arroz-de-coco com peixe frito, o peixe até que estava bom, mas o arroz não se comia estava em papas e minha mãe me zangou, porque eu cozinhei sem perguntar como se cozinha arroz-de-coco. Nos sábados lavo a sala da casa e casa de banho, porque nos domingos vou a igreja, mas nos dias em que decorrem os ritos de iniciação, eu cozinho massas com peixe frito e vorses para vender, há dias em que as pessoas compram muito e outros dias compram pouco (Cadu, 14 anos de idades, residente no Bairro Militar, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 17.11.2015).

A explicação de Cadu, permitiu-me perceber que, ele antes do *Likumbi*, aprendeu dos mais velhos que deve ajudar nos afazeres domésticos como lavar, cozinhar e limpar a casa. O

incumprimento das regras ensinadas pelos mais velhos significa para os participantes da zona da capela, falta de respeito, como podemos observar no exemplo a seguir,

Na minha casa, aprendi que tenho de respeitar as pessoas, saber ouvir as opiniões dos mais velhos para complementar o meu comportamento, porque se os mais velhos criticam deve haver alguma coisa que não gostou e tenho de corrigir. Também aprendi que, tenho de cumprimentar as pessoas sempre que me levantar da cama e saber como eles dormiram durante a noite. Meu pai disse me que tenho de dizer sempre a verdade independentemente da gravidade do problema, porque se fizer algo errado e mentir continuarei a errar e as pessoas vão se decepcionar comigo quando me descobrirem (Delson, 10 anos de idades, residente no Bairro Costa do Sol, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 20.01.2016).

A explicação de Delson, faz perceber que, ele antes do *Likumbi*, recebeu dos seus pais ensinamentos sobre respeito aos pais e a outras pessoas. Outra experiência foi contada por Delson,

Houve um dia em que eu levei comida do meu pai e comi, só que eu não sabia que era do meu pai, então comi, só depois de comer minha tia disse me que a comida que esta na mesa é do meu pai, mas eu já havia comido então fiquei com medo de ser batido e fugi, ele quando veio me ligou e eu disse que não vi nenhuma comida, ele me chamou para casa e eu disse que ia dormir na casa do meu amigo e ele perguntou porque e eu disse estava fazer uma coisa e precisava terminar, e ele zangou e disse voltar a casa ainda hoje e imediatamente, caso contrario ficaria lá com meu amigo para sempre. Quando o meu pai disse isso, também fiquei com medo e preferi voltar a casa e ser batido do que permanecer na rua, voltei e ele não me bateu só disse para perguntar quando encontrar comida na mesa porque eu já havia almoçado (Delson, 10 anos de idades, residente no Bairro Costa do Sol, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 20.01.2016).

Com a explicação de Delson; entendi que ele antes do *Likumbi*, aprendeu dos pais que deve perguntar o que não sabe, como forma de respeito, obediência e confiança. Um outro exemplo das coisas que os participantes aprenderam em casa foi contado por Layton,

Na minha casa, aprendi dos meus pais que tenho de cumprimentar as pessoas, me comportar bem com as pessoas, sejam elas os mais velhos ou os meus amigos da mesma idade, e tenho de dar cadeira as pessoas ou os hóspedes quando chegarem em minha casa, também tenho de servir qualquer coisa para comer, se não tiver algo pronto tenho de cozinhar algo ou aquecer água para os hóspedes tomarem chá. Minha mãe disse me, quando estiver a andar e cruzar com uma pessoa mais velha, eu não posso ultrapassar antes de lhe cumprimentar, porque, quem passa pelas pessoas e não cumprimenta é malcriado e não tem respeito. Meus pais me ensinaram a não discutir com os meus amigos na escola, por que teve um dia que lutei com meu colega e ele me mordeu, e apanhei vacinas no hospital, ele me mordeu na mão e criou ferida (Layton, 14 anos de idades, residente no Bairro Polana Caniço “A “iniciado, entrevista semi-estruturada na zona capela, 12.04.2017).

A partir desta explicação percebi que Layton, antes do *Likumbi*, aprendeu em casa e com os pais que deve respeitar-lhes, a ser obediente e humilde. Para Layton o respeito é cumprimentar as pessoas, dar cadeira e comida aos mais velhos e hóspedes. Outro exemplo que permite explicar a aprendizagem antes do *Likumbi* foi narrado por Nando,

Em casa, meu pai me ensinou a respeitar os mais velhos e aos meus amigos, tenho de cumprimentar as pessoas sejam mais velhas ou não, só não posso cumprimentar bebé que não fala, mas não posso ofender as pessoas principalmente a minha família (Nando, 8 anos de idades, residente no Bairro Costa do Sol, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da Capela, 12.04.2017).

A explicação de Nando permite perceber que antes do *Likumbi*, o pai dele lhe ensinou que deve cumprimentar os familiares, amigos e os mais velhos. Uma outra explicação semelhante a de Nando, Taunde contou as suas experiências sobre a aprendizagem do respeito pelo outro,

Na minha casa disseram me que, tenho de respeitar os outros para também ser respeitados por eles, por exemplo saber cumprimentar os mais velhos porque, quem não tem respeito, não faz amizades e fica invejoso, pois, os outros terão muitos amigos e o bruto não terá com quem brincar, estará sempre sozinho e com pensamentos retardados. Meu pai ensinou-me, a pedir sempre que desejar algo, porque quem não pede é ladrão e o lugar do ladrão é na cadeia depois de ser batido com as pessoas. Meu pai disse-me que, o ladrão quando é pego perde amigos e a sua família também, pois é uma vergonha conviver com uma pessoa que rouba os outros. Um dia, quando eu e o meu pai íamos ao Zimpeto visitar um tio que estava doente, vimos um ladrão a ser batido com as pessoas porque ele tentava roubar celular de uma menina e ela gritou e o ladrão foi pego, bateram-lhe até ficar sem roupa, depois nem usava bikini, era uma vergonha, o moço ficou nu e as meninas viam o corpo dele. Perante essa situação eu vi que meu pai tinha razão por me alertar, eu fiquei com vergonha por que algumas pessoas tiraram-lhe fotos e possivelmente deve passar pelas redes sociais (Taunde, 22 anos de idades, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, residente no Polana Caniço “A”, 13.04.2017).

As experiências da Taunde permitem perceber que ele em casa antes do *Likumbi*, prendeu dos pais, a cumprimentar como forma de respeito para interagir com os outros e deve pedir desculpas quando falar uma palavra ofensiva ou fazer algo errado. Uma outra explicação que sustenta isso é dita pelo Tino narrando a sua experiência,

Em minha casa aprendi que tenho de respeitar os mais velhos, não discutir com as pessoas, obedecer os mais velhos, fazer deveres de casa e não chegar tarde em casa, porque posso vir tarde e encontrar com bandidos na rua e me baterem ou me assaltarem, porque houve um meu vizinho que chegava em casa tarde e um dia foi assaltado e lhe bateram, ele chegou em casa a sangrar e meu pai lhe levou ao hospital, eu estava a dormir e ele veio na nossa casa e pediu para meu pai lhe acompanhar porque tinha medo encontrar com os bandidos outra vez. Também, aprendi que não posso comer muito em casa de dono, e só tenho de servir uma vez ou comer apenas o que me servirem, para não

se envergonhar e não envergonhar a minha família (Tino, 12 anos de idades, residente no Bairro Benfica, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 15.04.2017).

A explicação de Tino, permite perceber que ele antes do *Likumbi*, ele aprendeu em casa com os mais velhos certas regras como saber respeitar as pessoas, não comer sozinho, fazer o dever de casa e chegar cedo a casa. Um outro exemplo das regras que os participantes aprendem em casa foi partilhado por Lourinho,

Em casa meus pais me ensinaram a respeitar os outros para comportar-me bem com as pessoas, tenho de respeitar as pessoas mais velhas para não ofender os mais velhos e os meus amigos, as vezes fico sozinho quando os meus pais vão ao serviço e demoram voltar, então para não passar fome minha mãe me ensinou a cozinhar arroz e peixe frito, mas cozinhar é coisa simples não custa nada (Lourinho, 14 anos de idades, residente no Bairro Benfica, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 15.04.2017).

Com a explicação de Lourinho percebi que antes *Likumbi*, ele aprendeu em casa e com os pais que deve cuidar de si e a preparar comida para a sua alimentação na ausência de pais e familiares.

A partir dos dados analisados nesta secção percebi que; os participantes em interação no seu quotidiano antes do *Likumbi*; aprendem em casa e com amigos o respeito, obediência, humildade e afazeres domésticos como cozinhar e lavar a casa. Assim de acordo com Rangel (1999), a família tem um papel fundamental no processo de aprendizagem para consolidação de regras.

5.3. Consolidação e outras aprendizagens no *Likumbi*

Nesta secção analiso o *likumbi* como um espaço de consolidação e aprendizagem de regras sociais, aprendidos inicialmente no grupo doméstico e de aprendizagem de novos conhecimentos e habilidades.

5.3.1 O *Likumbi* como um espaço de consolidação de regras

Cadu na sua narrativa disse-me o seguinte,

Quando eu entrei nos ritos de iniciação aprendi que, tenho de respeitar os mais velhos, principalmente as pessoas que vivem comigo, sejam eles os meus avós, pai, a mãe, irmãos, os amigos ou os primos e fui instruído a não aceitar que alguém lave a minha roupa. Pois, como iniciado, eu já estou crescido, e como uma pessoa crescida não devo aceitar que minha mãe lave as minhas roupas e eu sentado porque um homem adulto tem de fazer alguma coisa para ajudar a sua família nos deveres de casa, lavar a casa, carregar água e cozinhar (Cadu, 14 anos de idades, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona capela, residente no bairro Polana Caniço “A”, 12.04.2017).

Com a explicação de Cadu percebi que no *Likumbi* ele aprendeu outra vez as regras que já havia aprendido em casa, como respeitar e ajudar as pessoas mais velhos e os seus familiares. Um outro exemplo das regras que os participantes voltam a aprender é apresentada pelo Layton que contou o seguinte,

Eu me sinto diferente, porque aprendi os ensinamentos que, me possibilitaram um melhor relacionamento com os meus pais. Eu vivo com o meu pai e os meus dois irmãos e todos passaram pelos ritos de iniciação, no entanto são Makonde e nunca nos esqueceremos dos ensinamentos que aprendemos sobre tudo o respeito pela nossa família e os nossos amigos, pois as pessoas não se cruzam um dia (Layton, 14 anos de idades, residente no Bairro Polana Caniço “A”, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 12.04.2017).

Com a explicação de Layton percebi que no *Likumbi* ele aprendeu de novo as regras que já havia aprendido em casa, como respeito pelo seu grupo doméstico, amigos e as pessoas mais velhas.

O *likumbi* é compreendido como um espaço de consolidação de certas regras de convivência social aprendidas no grupo doméstico. Assim Katia Cristina contou que,

O meu filho antes de passar pela cerimónia de iniciação me insultava e carregava o material dos colegas na escola. Então, perante esse comportamento eu lhe inscrevi para participar na cerimónia de iniciação, por onde ficou na cerimónia 20 dias para aprender

a respeitar as pessoas e as coisas dos outros. E desde que, o menino saiu da cerimónia já não se comporta do mesmo jeito, antes saia a noite agora já não sai, e já não recebo mais notícias sobre os problemas de roubo ou indisciplina na escola. Porque, o mestre da cerimónia disse, ao menino que, no caso de não cumprir com o que foi ensinado na cerimónia ele deveria desaparecer (Katia Cristina, 38 anos de idades, residente no Bairro Militar, mãe de iniciado, entrevista semi-estruturada na casa da Katia Cristina na zona capela, 10.10.2015).

Num outro exemplo semelhante, Edvania apresenta na sua explicação resultados de consolidação de regras sociais a partir do *Likumbi*. Edvania contou o seguinte,

Sim sou da opinião que todos os meninos deveriam passar por estas cerimónias, por exemplos os meus, até para comer nos fins-de-semana, eles esperam estarmos todos completos na mesa de almoço, o que era raro antigamente (Edvania, 35 anos de idades, residente no bairro da Costa de Sol, mãe de dois filhos iniciados, entrevista semi-estruturada na casa da Katia Cristina na zona da capela, 10.10.2015).

Da explicação acima apresentada percebi que Edvania consolidou as regras que teve em casa como deixar de insultar e esperam os pais e familiares para estarem todos na mesa na hora das refeições.

O iniciando passando pelo *Likumbi*, continua a aprender as formas de respeito que deve praticar em casa e diante das pessoas mais velhas. Este comportamento torna o iniciando responsável pelos seus actos em qualquer situação. Um exemplo que sustenta essa possibilidade é narrado pelo Nando que contou o seguinte,

Eu entrei porque o meu pai me inscreveu nos ritos de iniciação para ser homem de família, pois eu andava muito e sempre apanhava sapatadas, o meu pai sapateava-me muito, porque eu passeava muito, mas agora já não chego em casa depois das 17horas, tenho medo apanhar de novo e entrar outra vez nos ritos (Nando 8 anos de idades,

residente no Bairro Costa do Sol, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 20.01.2016).

Nesta explicação percebi que, o *Likumbi* é tido como um espaço de aprendizagem, no qual os participantes aprendem o que já tinham aprendido no seu grupo doméstico. Assim os participantes temem desviar essas regras transmitidas, porque serão sancionados, como o caso de passar pelo *Likumbi* novamente.

Ainda sobre consolidação de regras, Lourinho partilhou a sua experiência,

Nos ritos aprendi que tenho de saber conviver com os outros e saber respeitar os outros, mesmo se não conhecer lhes, porque para respeitar alguém não precisa conhecer e ninguém conhece todas pessoas. Lá dentro aprendi que tenho de obedecer os mais velhos, se me mandarem não devo negar, pois, se negar a pessoa pode se sentir mal e ao mesmo tempo envergonhar os meus pais por ser desobediente diante das preocupações dos outros. Depois de aprender tudo isso, dizem que estamos prontos para casar, mas casar depende de pessoa iniciada, não é obrigatório (Lourinho, 14 anos de idades, residente no Bairro Benfica, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 15.04.2017).

A partir da explicação de Lourinho percebi que ele participou no *Likumbi* pela orientação dos pais para consolidar as regras que ditam as formas de convivência e aprendeu outra vez as regras que já havia sido ensinado pelos pais. Devido aos comportamentos desviantes aos ensinamentos dados pelos pais, os iniciados são submissos aos ritos de passagem. Num exemplo semelhante do Lourinho, Samuel afirmou que,

Eu fui inscrito na cerimónia de iniciação para evitar os problemas que aconteciam comigo na escola e para me controlar melhor, mas nunca levei nada dos amigos ou colegas da escola. Só que alguns dias eu emprestava os materiais que não tinha, tais como: lápis de cor, borracha. E em algum momento perdia o material emprestado, mas quando pedia a sua mãe para devolver ela zangava e me puxava as minhas orelhas, por

isso, ficava com receio de pedir (Samuel 14 anos de idades, residente no Bairro Militar, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 17.01.2016).

Com a explicação de Samuel percebi que ele participou no *Likumbi* para corrigir os comportamentos considerados desviantes dos princípios estabelecido no seu grupo doméstico, como devolver coisas emprestadas.

Um outro exemplo que coloca o *Likumbi* como um espaço de consolidação de regras é tida na explicação de Benedito que contou que,

Inscrever os seus filhos nos ritos de iniciação é garantir um espaço respeitoso dentro das suas famílias. Pois, certas crianças quando saírem para outros lugares seja para estudar ou passeio, ao voltarem depois de alcançarem seus objectivos, tanto da escola como de outra actividade, eles podem casar-se lá e por certa razão podem aprender outros comportamentos, por vezes, contra os princípios da família, pois cada lugar há princípios próprios e certas formas de vida. Mas os meninos, depois de passarem pela cerimónia de iniciação, eles podem ir aonde quiserem e ao regresso serra sempre bem recebidos, por que, eles não deixarão de se comportar como foram ensinados na cerimónia de iniciação (Benedito, 40 anos de idades, pai de iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, residente no bairro militar, 10.12.2015).

Com a explicação de Benedito percebi que ele inscreveu o seu filho para aprender e consolidar as regras sociais que ele estabeleceu em sua casa. Com uma explicação semelhante Claudino disse que,

No momento em que, eu queria me casar chamei para participarem no meu casamento, os meus pais e as minhas irmãs que estavam em Cabo Delgado (Claudino, 40 anos de idade, residente no Bairro Militar, tio de iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 23.11.2015).

As explicações apresentadas nesta secção permitem perceber que, o *Likumbi* é tido como um espaço de consolidação e novas aprendizagens de regras.

Com os dados apresentados na nesta secção, percebi que no âmbito da aprendizagem durante o *Likumbi* os participantes voltaram a aprender as regras que já tiveram com amigos e nos seus grupos domésticos que como Filloux (2010) indica aprendizagem e consolidação de regras advém das necessidades gerais dos grupos sociais.

5.3.2. Novas aprendizagens

Nesta secção apresento novas aprendizagens dos participantes no decurso do *Likumbi*. Como podemos verificar a seguir,

Eu inscrevi o meu filho no likumbi para aprender a identidade makonde, pois o ser makonde implica conhecer e reconhecer os princípios deste grupo social e não apenas nascer de um parente makonde. Pois, eu sou makonde e a minha mulher é de cá em Maputo, então inscrevi o meu filho para aprender a minha identidade originária, a partir dos princípios makonde. Ele hoje já sabe fazer escultura e respeita minha língua quando estou a falar com a mãe dele e os avôs. (Claudino, 40 anos de idade, residente no Bairro Militar, tio de iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 23.11.2015).

Com a explicação de Claudino percebi que o filho a durante o *Likumbi* prendeu a fazer escultura. Um outro exemplo é sustentado pelo Nando na qual diz que,

Eu aprendi no Likumbi certos ensinamentos como: a dança Mapiko, canções antigas, não me meter nas conversas dos outros sem me convidarem e consultar aos mais velhos sempre que quiser agir ou tiver alguma preocupação como problemas de doenças ou se quiser casar-se, para agir em conjunto e nunca sozinho e não cometer erros (Cadu 14 anos de idades, residente no Bairro Militar, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 24.01.2016).

A partir da explicação de Cadu percebi que durante o *Likumbi* ele aprendeu as canções e dança Mapiko. Um outro exemplo que permite explicar as novas coisas que aprendem no *Likumbi* foi apresentado por Nando,

Nos ritos, aprendi que não tenho de ter medo de falar com nenhuma mulher, mesmo que seja bonita, basta sentir algo por ela tenho de aproximar-me e pedir para conversar com ela, porque as oportunidades não acontecem todos dias, assim como o relâmpago não cai no mesmo lugar duas vezes. Também aprendi que, quando encontrar com alguém, mas velha e ela estiver com carga pesada na cabeça, eu tenho de ajudar, mas antes tenho de perguntar se a pessoa precisa de ajuda, se não vão pensar que sou bandido e quero roubar a carga, quando entrei para os ritos de passagem, a tocar instrumentos musicais e língua makonde. (Nando 8 anos de idades, Bairro Costa do Sol, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, na zona da capela, residentes no 12.04.2017).

A explicação de Nando permite perceber que, durante o *likumbi*, ele foi instruído a demonstrar seus desejos e preferências diante dos seus próximos para romper a timidez, ajuda mútua. Na mesma linha Tino contou o seguinte,

Nos ritos de iniciação aprendi a tocar ligoma e likuti, chinganga e ligoma, aprendi que não devemos ter medo de passar dificuldades, pois as dificuldades fazem parte da vida e nos ajudam a crescer. Também aprendi que nem todos os desejos devem ser satisfeitos e temos de saber distinguir o desejo da necessidade, porque nem todo desejo é necessário. Lá dentro, dizem que, temos de atender primeiro as necessidades depois os desejos e nunca o inverso. Quando eu estava lá dentro, ouvi que um dos meus colegas andava a levar dinheiro que o pai lhe dava para lanche e comprava lápis de cor e canetas para andar a fazer desenhos, e essas coisas ele tinha, mas comprava cada vez mais e o pai não gostava disso porque ele voltava a casa com fome (Tino, 12 anos de idades, residente no Bairro Benfica, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, na zona da capela, 15.04.2017).

Nesta explicação percebi que durante o *Likumbi*, Nando aprendeu novas regras baseadas no diálogo, respeito, e desenvolveu laços de amizade. Portanto, para Tino o *Likumbi* permitiu que ele aprendesse o domínio de si e alertar as outras pessoas a terem um comportamento de ajuda mútua. Ainda sobre novas regras Delson contou o seguinte,

Participei no Likumbi para aprender os princípios makonde e durante o likumbi aprendi a tocar vinganga, n'neya e n'tholho, a dançar mapiko e a falar a língua makonde e Swahili (Delson 10 anos de idades, residentes no Bairro Costa do Sol, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, na zona da capela, 20.01.2016).

Da explicação de Delson percebi que durante o *Likumbi* ele apropriou os princípios makonde, caracterizados em tocar batuque, dançar mapiko e a falar a língua Maconde e Swahili. Com uma explicação semelhante Claudino contou o seguinte,

O meu sobrinho durante o Likumbi esteve satisfeito, porque, aprendeu a fazer escultura, a dançar o mapiko e alguns termos swuhail makonde (Claudino, 40 anos de idade, residente no Bairro Militar, tio de iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela na zona da capela, 23.11.2015).

A explicação de Claudino permite perceber que durante o *Likumbi* o sobrinho aprendeu a dançar mapiko e a tocar instrumentos musicais como o caso do *Vinganga* ou *chinganga*, *Nneya*, *Likuti*, *Ligoma*. Os referidos instrumentos alguns são tocados com paus e outros pelas mãos. A este propósito Taunde contou o seguinte,

Os meninos se alimentam daquilo que os padrinhos trazem de casa, pois esses padrinhos têm o dever de levar alimentação para os seus afilhados. Por que, eles também passarão a ser pai dessas crianças a partir do dia em que foi inscrever ou apadrinhar essas crianças (Taunde 22 anos de idades, residente no Polana Caniço “A”, iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 11.11.2016).

Da explicação de Taunde percebi que durante o *Likumbi* ele aprendeu o dever do padrinho, por isso pode desempenhar o papel de pais dos futuros iniciados. Soninho na sua narrativa contou que,

Há algumas frutas e comidas proibidas no decorrer da cerimónia. Por exemplo: arroz com feijão, banana, abacate e mangas. Essas frutas e o arroz com feijão são proibidas, porque entende-se que, podem criar problemas de mordeduras na barriga dos meninos. E quando assim acontecer, as crianças em formação de iniciação, não poderão entender e cumprir com os ensinamentos que vão aprender durante o decorrer da cerimónia de iniciação, mas podem comer xima com peixe e uma maçã por semana até terminar a cerimónia (Soninho, 40 anos de idades, Pai do iniciado, entrevista semi-estruturada na zona capela, residente no Bairro Polana Caniço “A”, 11.11.2016).

Com a explicação de Soninho percebi que, no decorrer da iniciação existem regras que visam proteger os iniciandos de problemas de estômago durante a cerimónia de iniciação na palhota. Em linha com Soninho, Miguel contou o seguinte,

Aqui nos ensinamos a língua makonde e tocamos o ligoma para distrair os meninos durante o ensinamento. Por isso, há pessoas que não vivem na zona militar, mais trazem seus filhos para serem iniciados. (Miguel, 30 anos de idade, residente no Bairro Costa do Sol, pai do iniciado, entrevista semi-estruturada na zona da capela, 11.11.2016).

Com a explicação de Miguel percebi que durante o *likumbi* ensinam a língua maconde e o uso do *ligoma*.

Na presente secção percebi que por um lado os participantes são instruídos a mostrar os seus desejos e preferências diante dos seus mais próximos e por outro lado aprendem a tocar instrumentos musicais e as línguas faladas pelos makondes a semelhança do que Turner [1974] refere sobre o facto de os iniciandos nos ritos estarem em processo de aprendizagem de novos ensinamentos, que determinam e estruturam o seu modo de vida.

5.3.3. A vida dos participantes depois do *Likumbi*

Nesta secção apresento experiências de vida dos participantes depois do *Likumbi*. Um dos exemplos que partilho a seguir foi apresentado por Cadu,

Eu participei na cerimónia de iniciação por dois motivos dos quais, o primeiro foi para realizar o desejo do meu pai. Pois o meu pai cria que eu aprendesse os princípios makonde. O segundo motivo foi pela influência dos amigos, porque me sentia excluído em certas conversas, pois nos dias em que decorriam os ritos de iniciação, eu não poderia entrar na palhota para assistir e conversar com os seus amigos. Porque, eu não estava iniciado e sendo assim não poderia assistir e nem participar nos ritos de iniciação. Mas, hoje me sinto feliz por aprender o ser makonde, pois o, ser makonde é pertencer a uma família por que, o Makonde é uma família e eu estou orgulhoso por fazer parte desta família makonde (Cadu 14 anos de idades, residente no Bairro Militar, iniciado, entrevista informal na zona da capela, 24.01.2016).

A partir da explicação de Cadu percebi que ele fez novas amizades e para responder ao desejo dos pais, aprendeu a dança e a língua makonde. Na mesma linha Cadu contou que,

Antes de passar pelo likumbi, sentia me mal porque não podia dançar o mapiko embora quisesse dançar com os meus amigos, mas agora posso entrar e até dormir lá (Cadu 14 anos de idades, residente no Bairro Militar, iniciado, entrevista informal na zona da capela, 24 de 01.2016).

Da explicação de Cadu percebi que os ensinamentos aprendidos no *Likumbi* como cumprimentar são exercidos na interacção do Cadu com os amigos. A semelhança de Cadu, Delson contou que,

Quando sai dos ritos de iniciação, me senti muito bem, porque aprendi muitos ensinamentos que o meu pai me disse em casa. Antes de ir para os ritos de iniciação, eu tinha medo, os meus amigos não queriam me falar o que eles aprenderam lá nos ritos, alguns me diziam que tenho de entrar para saber sozinho e se sou bruto é melhor não arriscar porque terei um castigo, perante tudo isso eu ficava amedrontado. Mas, quando

entrei para os ritos de iniciação, eu não passei por nenhum castigo e vi outros meus meninos a trabalharem todas noites na hora de dormir, eu saí e deixei eles lá e nem tiveram na dança de despedida (Delson 10 anos de idades, residentes no Bairro Costa do Sol, iniciado entrevista formal na zona da capela. 15.04.2017).

Da explicação de Delson percebi ele ficou satisfeito com a dança que aprendeu no *likumbi*, por isso sempre prática nos dias comemorativos, na mesma linha Nando contou o seguinte,

Hoje me sinto orgulhoso, porque atendi os princípios da minha família, e também conhece novas pessoas com quem aprendi a fazer desenhos nos paus e vou vender na fortaleza de Maputo (Nando 8 anos de idades, residente no Bairro Costa do Sol, iniciado, entrevista formal na zona da capela. 15.04.2017).

A explicação de Nando permite perceber que ele ainda faz esculturas por isso sempre vende. Assim Samuel contou que,

Outros dias quando não tenho dever da escola, vou a casa do Cadu e ficamos a jogar vídeo game, na casa do Samuel tem vídeo game e eu gosto de jogar com ele, sempre lhe ganho e quando o Cadu não está em casa a mãe me deixa jogar sozinho, só ela não me deixa levar o DVD para jogar na minha casa, um dia, eu fui a casa do Cadu e ele não estava, então eu pedi para a mãe me emprestar o DVD para jogar na minha casa e ela disse não dava, porque ela não sabe desligar só o Cadu com o pai é que sabem desligar e o pai não estava naquele dia (Samuel 14 anos de idades, residente no Bairro Militar, iniciado entrevista informal na zona da capela, 17.01.2016).

A explicação de Samuel permitiu-me perceber que os laços de amizades criadas durante o *likumbi* permitem que ele pode falar sobre os ensinamentos da iniciação e pode entrar na palhota. Em linha Layton contou que,

Antes de entrar para os ritos de iniciação eu não poderia conversar sobre as experiências que lá ensinam e nem poderia entrar para ver o que eles faziam lá na

palhota. E sempre que, eu perguntava aos meus amigos sobre o que acontece nos ritos de iniciação, os meus amigos me diziam que, tenho de participar para aprender e saber sozinho. Mas hoje, eu estou a vontade pois, posso entrar sempre que as cerimónias de iniciação iniciarem e para além disso posso ensinar os próximos candidatos e apadrinhar alguém (Layton 14 anos de idades, residente no Bairro Polana Caniço “A”, iniciado, entrevista informal na zona da capela, 22.01.2016).

A explicação de Layton permitiu-me perceber que ele teve novas amizades e passou a pertencer ao grupo makonde. Ainda, depois do *likumbi* ele tem a legitimidade de falar das suas experiências sobre a palhota, de entrar na palhota, ensinar e apadrinhar aos futuros candidatos a iniciação.

A interacção que os iniciados têm e a atitude de ensinar e apadrinhar os próximos candidatos para os rituais de passagem, significa para Lourinho, o ser responsável e confiança entre ele com os pais. A título de exemplo, Lourinho contou que,

Eu costumo ficar com chaves da minha casa quando meus pais vão ao serviço e quando a empregada estiver a largar, meus pais as vezes demoram para chegar em casa. Um dia nossa empregada esqueceu dinheiro dela e eu apanhei e dei minha mãe para guardar pensei que fosse do meu pai, mas era da nossa empregada (Lourinho, 14 anos de idades, residente no Bairro Benfica, iniciado, entrevista informal na zona da capela, 15.04.2017).

Lourinho sustenta que actualmente toma decisões de acordo com o que foi ensinado durante o *Likumbi*. A título de exemplo, contou que,

Desde que eu saí dos ritos de iniciação, me sinto preparado e consciente dos actos que vou tomar, pois posso decidir por mim, mas não posso decidir algo que deixa a minha família ofendida. Posso viajar e ir para outra província, mas antes de viajar tenho de avisar minha família e no caso de conhecer uma mulher e quiser casar com ela tenho de avisar em casa e se possível trazer ela ou levar minha família para casa dela, porque, se eu me casar lá sem avisar cá, pode acontecer uma coisa e minha família vai se

decepcionar com o meu comportamento, tomar essa decisão é como trair a sua família. Uma pessoa iniciada deve se comportar de acordo com os ensinamentos dos nossos pais. Outros ensinamentos posso ter-me esquecido, mas esses nunca saíram da minha cabeça (Lourinho, 14 anos de idades, residente no Bairro Benfica, iniciado, entrevista informal na zona da capela, 15.04.2017).

Com a explicação de Lourinho percebi que ele compreendeu que as suas acções devem incluir obediência aos integrantes do grupo doméstico do qual faz parte.

A partir dos dados apresentados nessa secção, percebi que os participantes vivem no seu dia-a-dia de acordo com as regras que aprenderam antes do *Likumbi* e aquelas que aprenderam durante o referido ritual. O exemplo do cumprimentar os mais velhos e os afazeres domésticos como forma de humildade, obediência e respeito. Também participam na dança makonde em dias festivos e comunicam-se em língua makonde e swahili, fazem escultura que vendem na fortaleza de Maputo uma situação similar a apresentada por UNICEF (1988) para quem a partir do diálogo nos ritos de iniciação os participantes são ensinados a interiorizar o modo de vida da sociedade em que está envolvida, incluindo o respeito das prioridades familiares.

6. Considerações finais

O presente estudo explora discursos sobre o *Likumbi* como um espaço de consolidação e aprendizagem de regras. Da literatura sobre os ritos de iniciação identifiquei duas perspectivas. Uma que defende que as famílias constituem espaços de aprendizagem que antecedem os ritos de passagem e a outra que defende que os ritos é que constituem espaços de aprendizagem para os indivíduos. Essa literatura perde de vista a contribuição da interação entre famílias e os ritos na aprendizagem das pessoas.

Com base na limitação da literatura analisada, realizei um estudo etnográfico entre um grupo de pais, candidatos a iniciação e iniciados na Capela, na zona Militar na cidade de Maputo. A partir do material etnográfico analisado compreendi que os participantes consolidam as regras apreendidas na família, com amigos e aprendem novas regras durante o *Likumbi*.

Esse resultado permite-me considerar o *Likumbi* como um espaço de consolidação e de aprendizagem de regras sociais, o que permite perceber a interação entre a aprendizagem anterior aos ritos de passagem e aquela aprendida durante os mesmos, diferentemente da literatura que analisa esses elementos como pólos comunicáveis de aprendizagem.

O presente estudo de carácter exploratório abre linhas que podem ser aprofundadas futuramente como por exemplo os critérios usados e as dinâmicas para seleccionar as pessoas para serem submetidas ao *Likumbi*.

Referências

Afonso da Silva, Virgílio. (2003). “Princípios e regras: mitos e equívocos acerca de uma distinção”. *Revista Latino-Americana de Estudos Constitucionais*. Vol. 1. N. 40. Pp: 607-630.

Balandier, Georges. (1976). “Pais e Filhos Primogênitos e Caçulas”. In: *Antropológicas*. São Paulo. Editora Cultrix/EDUSP.

Cuche, Denys. (1999). *A noção de cultura nas ciências*. Lisboa. Edições Fim de século. Lda.

Cristina, Nivalda. (2014). *Mulher, um estatuto volátil: Um estudo sobre definição de mulher a partir de alguns pontos da cidade de Maputo e Matola*. Tese - Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

Da Silva, André Luís Silva. (2007). Teoria da aprendizagem de Vygotsky. Tese (Mestrado em Química Inorgânica) – Universidade Federal de Santa Maria.

Díaz, Félix. (2011). *O processo de aprendizagem e seus transtornos*. Brasil. Editora EDUFFBA.

Dubar, Claude. (1997). *A socialização: Construção de identidades sociais e profissionais*. Lisboa. Porto Editora.

Filloux, Jean-Claude. (2010). *Émile Durkhem*. Brasil: Massangana.

Giusta, Ângela. (2013). “Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas”. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. Vol. 29. N. 39. Pp: 0102-4698.

Guilouski, Borres. (2012). “Ritos e Rituais”. In: *Revista de Ciências Humanas*. Vol. 30. Nr° 49. Pp: 102-276.

Lévi-Strauss, Claude. [1997]. *O Pensamento selvagem*. Tradução Tânia Pellegrini. 2ª Edição.

Madeira, Sofia. (2006). “Ritual de Iniciação no Alto Xingu: A reclusão feminina Kamayura”. In: *Revista de ciências Humanas*. Vol. 30. Nr° 23. Pp: 3242-567.

Rangel, Lúcia Helena. (1999). *Da infância ao Amadurecimento: Uma reflexão sobre os rituais de Iniciação*. São Paulo: Pedrem.

Rodrigues, José Azevedo. (1998). *Práticas de consolidação de contas*. Lisboa. Aereas Editora.

Turner, Victor. [1974]. *O Processo Ritual*. "Estrutura e anti-estrutura": tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes.

UNICEF (1988). *Ao alcance da Humanidade: Um futuro para crianças de África*. Maputo: Índice

Vinuto, Juliana. (2014). “A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto”. *Revistas Temáticas*. Vol. 22. Nr° .44. Pp: 203-220.